

# TRÍDUO PASCAL - HORÁRIOS

## - 17 de Abril, QUINTA-FEIRA SANTA -

17h00 – Abertura da Igreja

19h00 – Missa da Ceia do Senhor e Adoração do Santíssimo

21h00 – Encerramento da Igreja



## - 18 de Abril, SEXTA-FEIRA SANTA -

09h30 – Abertura da Igreja

10h00 – Oração de Laudes e Ofício de Leitura

12h30 às 14h30 – Igreja encerrada

15h00 – Celebração da Paixão do Senhor e Adoração da Cruz

18h30 – Via Sacra



## - 19 de Abril, SÁBADO SANTO -

09h30 – Abertura da Igreja

10h00 – Oração de Laudes e Ofício de Leitura

12h30 – Encerramento da Igreja

16h00 – Abertura da Igreja

19h00 às 21h30 – Igreja encerrada

22h00 – Vigília Pascal



## - 20 de Abril, DOMINGO DE PÁSCOA -

10h00 – Abertura da Igreja

10h30 – Missa da Ressurreição do Senhor

12h00 – Missa da Ressurreição do Senhor

13h00 às 17h00 – Igreja encerrada

19h00 – Missa da Ressurreição do Senhor



# Eco de Fátima

ANO A . III SÉRIE . Nº 254

DOMINGO DE RAMOS

13 de Abril de 2014

## EDITORIAL

*“Este é verdadeiramente o Filho de Deus”*

Domingo de Ramos.

Dia do acolhimento festivo de Jesus na sua entrada em Jerusalém.

Um acolhimento entusiasmado que excedia a alegria que envolvia todos os peregrinos que chegavam para celebrar a Páscoa.

E que levou alguns a formular explicitamente a pergunta que atravessa todos os Evangelhos, *“Quem é Ele?”*, e que o próprio Jesus um dia colocou directamente aos seus discípulos: *“Quem dizeis vós que Eu sou?”*

Mas também Domingo da Paixão.

O ambiente pesado que se vivia em torno de Jesus e que O levava a anunciar repetidamente aos seus discípulos o fim violento da sua vida iria consumir-se na paixão e morte de Jesus.

Os seus discípulos assistem aturdidos e desorientados à sucessão galopante dos acontecimentos, sem tempo para digerir tudo o que está a acontecer.

Naquele momento tudo é demasiadamente contraditório.

E torna-se-lhes difícil, quase mesmo impossível, perceber o sentido daquilo que estava a acontecer, apesar de tudo o que Jesus lhes tinha dito antes...

Não deixa de ser significativo que, para lá da profunda sintonia e da presença silenciosa de Maria junto à Cruz, diante da morte de Jesus, os evangelhos coloquem na boca de um pagão a única afirmação explícita de fé: *“Este homem era verdadeiramente o Filho de Deus”*

Cabe-nos a nós hoje contemplar o Amor crucificado de Jesus.

Perceber nele a grandeza infinita do Amor de Deus que dá a vida por nós.

E aceitar o desafio que Ele sempre nos faz a segui-l’O, vivendo esse mesmo Amor no concreto da nossa vida, na entrega total a Deus e aos irmãos.

*Pe Luís Alberto M. Carvalho*

## **Homilia de D. Manuel Clemente na celebração conclusiva do 750º aniversário da transladação dos restos mortais de Santo António e descoberta da sua língua incorrupta**

Caríssimos irmãos e devotos de Santo António

(...) Celebramos o quinto Domingo da Quaresma, antigamente chamado “de Lázaro”, pelo Evangelho proclamado. Episódio muito importante, sintetiza com grande maestria descritiva o significado inteiro da vida e missão de Cristo neste mundo, bem como da salvação radical que nos trouxe.

Jesus era amigo de Lázaro. Verdadeiramente amigo, como o é da humanidade inteira, mas detendo-se em cada um. Naquele amigo de Betânia especialmente, comovendo-se e perturbando-se com a sua morte.

E este é o primeiro ponto importante a reter, por nos desvendar a alma de Jesus, no amor entranhado e grande misericórdia com que se aproxima de nós e da nossa vida, bem como da nossa morte.

(...) Pobreza das pobrezas, mesmo para quem teria algo de seu, como era o caso de Lázaro e suas irmãs Marta e Maria, é sempre a morte, em que nenhuma riqueza nos vale senão a que levarmos no coração. E é desse último despojamento que Jesus mais uma vez se abeira, como noutros episódios evangélicos em que de mortes fez vidas: como ao filho da viúva de Naim, como à filha de Jairo... Mas a ressurreição de Lázaro acaba por ser o mais expressivo e eloquente sinal do triunfo da vida sobre a morte e por dentro desta mesma, como na sua Páscoa aconteceria.

Reparemos neste ponto também. Jesus quer aproximar-se da sepultura, onde o cadáver de Lázaro, há quatro dias morto, já exalava a corrupção. Retiram a pedra, deixando aberta boca do abismo onde tudo se degrada e extingue. Pois bem: é então que tudo recomeça, invocando o poder do Pai e gritando como nunca mais deixará de gritar a todos os mortos de corpo ou de alma: «Lázaro, sai para fora!».

A morte é encarada de frente, a vitória de Jesus é absoluta, nada fica de fora ou por vencer. Estou certo e convicto de ser esta integral proximidade de Jesus com a realidade humana, no que tem de mais dramático e trágico, que faz da sua vida um Evangelho sempre atual e convincente: a misericórdia de Deus nas pobrezas da humanidade, totalmente demonstrada quando Jesus faz sua a nossa morte para a preencher de vida. Aquela que recebe do Pai, para nos recriar a todos.

Como sabemos, foi muito especialmente esta verdade da misericórdia divina, manifestada na aproximação de Cristo a todas as pobrezas dos homens, que

atraiu São Francisco e comoveu Santo António.

Profundamente tocado pelo exemplo dos discípulos do Pobrezinho de Assis, cujos restos mortais chegavam a Coimbra depois de martirizados em Marrocos, mudou de nome e de vida, para ser um deles, agora como Frei António, em semelhante despojamento e entrega.

Trouxe-o o mar à Sicília e à Itália, mandou-o Francisco a pregar e a ensinar os frades, com igual pobreza e humildade, para não destoar de Jesus. Assim esteve depois no Norte de Itália e Sul de França, para concluir em Pádua e nos arredores de Pádua o luminoso rasto de Evangelho e Vida que deixou atrás de si, como memória, e para os séculos futuros como exemplo. Quis Deus assinalá-lo com o espantoso milagre da sua língua incorrupta, que tão bem manifesta a perenidade de quanto proclamava.

Caríssimos irmãos: Duros eram os tempos de Santo António. Duros pelas divisões sociais, entre poucos poderosos e multidões de pobres e fracos; duros por divisões de entendimento, com graves contradições nas próprias crenças; duros pelos maus exemplos de quem se comprometera a dá-los bons; duros por coisas de então e coisas de sempre, das guerras e guerrilhas às pestes e doenças, às pequenas e grandes opressões.

(...) «Sai para fora!», tu, quem quer sejas, da sepultura onde a ti mesmo te encerras, quando te deixas dominar pelo egoísmo, a avareza, a prepotência, a luxúria, a maledicência, ou outros tantos nomes do mesmo pecado multiforme, resumido no egoísmo em que te esqueces de Deus e dos outros. Assim mesmo morres, pois viver é exatamente o contrário, é conviver, como Cristo comunga inteiramente com o Pai e com todos, naquele Amor que jamais acabará.

A força e a luz da pregação de Santo António, “Doutor Evangélico” por excelência, provêm exatamente daqui, da radicalidade cristã com que se abeirou das muitas fraquezas do seu tempo com a certeza daquele brado de Cristo diante do sepulcro de Lázaro. Não há página dos Sermões que nos deixou que não comunique tal veemência, com aquele “fogo” que Jesus ateou na terra, não descansando enquanto não ardesse.

(...) Creio finalmente, irmãos caríssimos, que em Pádua, em Lisboa, ou em qualquer parte que deva ser agora, a radicalidade evangélica de Santo António é para todos nós um motivo superior de discernimento e ação. Isso mesmo lhe pedimos e certos estamos da sua intercessão! (...)

Pádua, 6 de abril de 2014